

Guerra entre os Caingangues

Funai não afasta possibilidade de intervenção federal

Para o presidente da entidade, Paulo Moreira Leal, conflito "é uma disputa de família", por isto está evitando uma intervenção e assunto deve ser resolvido a nível estadual

A intervenção da Fundação Nacional do Índio (Funai) nas terras dos Caingangues, em razão da disputa entre as duas reservas, é uma medida drástica, mas se for necessário, ela acontecerá. Essa é a posição do presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, que está orientando o delegado estadual Severino Delani para que se esgotem todas as possibilidades de diálogo a nível estadual, antes de ser cogitada a intervenção federal. Somente em última hipótese, é que isso acontecerá.

O assessor de Comunicação Social da Funai, Silvio Rainer, disse que o presidente Paulo Moreira Leal está constantemente recebendo informações do Rio Grande do Sul sobre o desenvolvimento das negociações e, inclusive, sugerindo algumas medidas para solucionar a questão. "A protelação que a Funai está fazendo, para não intervir imediatamente, é porque esse problema se arrasta há 20 anos e é somente uma disputa de famílias onde os dois caciques querem a liderança total",

salientou o assessor de Comunicação.

Em fevereiro, quando iniciou a disputa, o procurador geral da Funai esteve na reserva e a solução encontrada foi a separação: reserva da Guarita e reserva do Irapuá. Como o problema não foi solucionado, segundo Silvio Rainer, a Fundação está tentando mais uma vez apaziguar os ânimos, mas, se isso não for possível, a intervenção federal realmente acontecerá, conforme prevê o Estatuto do Índio.

Polícia Federal instaurou inquérito

A delegacia de Polícia Federal em Santo Ângelo instaurou inquérito policial nas reservas da Guarita e Irapuá para apurar a responsabilidade pelos homicídios acontecidos durante o conflito dos índios em Miraguai.

As investigações estão sendo conduzidas pelo delegado Luiz Carlos Weinmann e delegada Celi Reichert que já iniciaram os interrogatórios e esperam obter informações a respeito do fornecimento de armas aos índios.

Ontem os índios Adão Rosa, que sofreu um corte na cabeça e levou um tiro na perna, e Cesar Claudino, com ferimentos generalizados pelo corpo, receberam alta do Hospital de Santo Ângelo, onde estavam internados. Eles pertencem ao grupo comandado pelo cacique Domingos Ribeiro e já retornaram à reserva da Guarita. Ainda permanece hospitalizado o índio Ernesto Samkui, que foi gravemente ferido mas apresenta sensível melhora.

Prefeitos entregam documento ao Governador

Enquanto os prefeitos de Miraguai, Tenente Portela e Reidentora entregam hoje um documento ao governador Jair Soares pedindo intervenção federal, a área continua sendo policiada pelos soldados do 7º Batalhão da Brigada Militar de Três Passos. Embora, aparentemente, a situação entre as duas facções caingangues, esteja calma, o conflito persiste e, até que nenhuma medida seja tomada pela direção da Funai, os soldados da Brigada Militar de Três Passos continuarão guarnecendo a reserva. "Estamos apenas colaborando, pois a reserva é uma área federal, portanto não é da nossa competência", admitiu ontem o comandante do 7º Batalhão da Polícia Militar de Três Passos, tenente-coronel Carlos Henrique Bressan. Segundo o comandante, a previsão é de que a Brigada permanecerá na reserva até que o inquérito que está sendo realizado pela Polícia Federal seja concluído.

A cronologia da guerra

A delegacia regional da Funai foi avisada sobre a possibilidade da guerra. Não acreditou

1 Final de janeiro

O capitão Domingos Ribeiro tenta derrubar o cacique Ivo Ribeiro Sales provocando um golpe de Estado. É eleito por um conselho indígena que o cacique coloca em dúvida, não aceitando a indicação. Domingos sai da reserva levando uma parte considerável da tribo junto com ele. Vereador do PDS derrotado, Domingos também era o responsável pela serraria da reserva da Guarita. Acusado de roubar madeira, também culpa o cacique por desvios de verbas de arrendamentos de terras. Ameaçam

procurador geral da Funai, Augusto Moraes, para resolver o impasse. Aceita-se a proposta de Domingos de dividir a área, mantendo-o como cacique de Guarita, enquanto Ivo fica sendo cacique da recém-criada reserva de São João do Irapuá. Exultante, Moraes ergue um cassetete, depois de celebrada a divisão quando os dois inimigos se abraçam "Este cassetete é o símbolo da paz", declamou o procurador, no interior da igreja de Miraguai, na noite do acordo (foto 1).

com a arma na mão (foto 3), tenta derrubar Ivo Sales. Arma um grupo de índios, que é descoberto pelo agente da Polícia Federal, Telmo de Lima Freitas (foto 4), enviado para a área com a missão de "apaziguar os ânimos dos dois grupos em velado pé de guerra". A pedido de Ivo, Jacinto e seu grupo são expulsos para a reserva de Índio Ligeiro,

te Alegre. No dia seguinte, alerta o delegado De Toni. Recebe um pedido de calma. Liga para Brasília, mas nenhuma providência é tomada.

5 COMEÇO DE JUNHO

Quarta-feira, dia 1º. Domingos Ribeiro repe-

se abateram apenas sobre seu lado. Tenta explicar o descaso, contando "pedidos impossíveis que os índios



entrar em choque armado. O grupo de Domingos refugia-se na Igreja de Miraguai. O delegado Severino de Toni, da Funai, goza férias. Então é convocado em Brasília o

2 FINAL DE MARÇO

Os dois caciques tomam café na sala do delegado De Toni, na Funai em Porto Alegre, (foto 2) pedindo ajuda para acertar as divisas e as rendas das duas áreas.

3 COMEÇO DE MAIO

O major Eloir Jacinto

em Getúlio Vargas, com a concordância da Funai, que oficializa a transferência.

4 FINAL DE MAIO

Domingo, dia 29. Índios do grupo de Ivo são agredidos quando vão pedir explicações sobre a apreensão de uma mudança pertencente ao capitão Santo Claudino, que bandeava-se da tribo de Domingos Ribeiro para São João do Irapuá. O cacique Ivo viaja apressadamente para Por-

te o mesmo trajeto e as mesmas advertências de Ivo, diante do delegado De Toni. Conversa com Ivo, em linguagem cainguaque, por telefone. De Toni não entende bulufas. Acha que tudo está muito calmo e tranquilo entre os dois grupos. No dia seguinte, a tragédia explode com o saldo de cinco mortos e 14 feridos (foto 5).

Sábado, dia 4. Depois de desiludir os prefeitos da região com sua importância, De Toni demonstra inexplicável descaso com as ameaças de vingança exibidas pelos índios de Ivo, revoltados com as cinco mortes que

costumam fazer". De qualquer modo envia um dossiê especial ao presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, dando conta que os dois caciques manifestaram-se favoravelmente à intervenção federal na área. Na verdade para

Ivo Sales a intervenção é uma saída para acabar com o conflito "mas só depois que forem punidos os assassinos". Do contrário, o cacique ameaça não segurar mais seus índios que clamam por vingança.